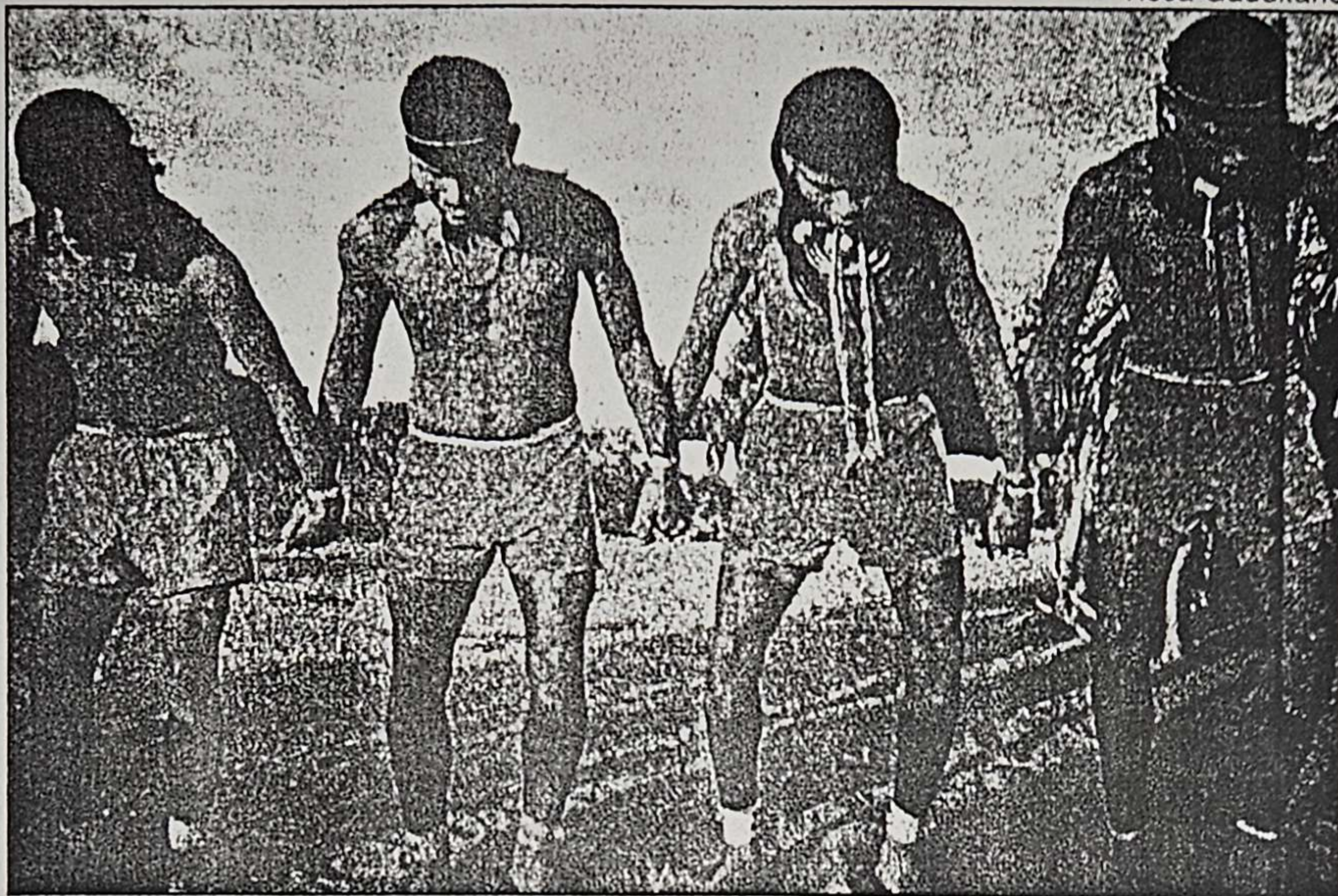




Povo da aldeia Pimentel Barbosa: aposentando arco e flecha

Sesc traz xavantes a São Paulo

Os índios xavantes da aldeia de Pimentel Barbosa, em Mato Grosso, mantêm intocados cerca de 25 tipos de dança rituais, que por sua vez permitem uma infinidade de situações estéticas. Essa riqueza cênica dos xavantes já levou à aldeia pesquisadores, cientistas e curiosos de toda espécie — o grupo Sepultura gravou lá duas faixas de seu disco *Roots*, que vendeu 2 milhões de exemplares pelo mundo afora.

Agora, é a aldeia Pimentel Barbosa que vem a São Paulo. O Núcleo Cultural Indígena, em parceria com a comunidade xavante, vai apresentar nos dias 9, 10 e 11, no Parque da Independência, no Ipiranga, o espetáculo *Itsari*, conjunto de cerimônias do povo xavante que integra a Temporada Sesc Outono/97. Virão a São Paulo 28 índios xavantes.

A coordenação é de Ângela Pappiani, do núcleo indígena, que também produziu e dirigiu a gravação do disco *Etenhiritipá*, em

1992. O disco, produzido pela Quilombo Música e pela Warner, selecionou 31 cantos e danças rituais gravados na aldeia de Pimentel Barbosa.

A história do contato pacífico dos etenhiritipás (ou “povo Auwe da Serra do Roncador”) com os brancos é recente. Foi só na década de 40 que eles pararam de guerrear contra o invasor para “pacificar os brancos” e estabelecer contato com os que eles chamam de “warazu” (todos os que não são auwe).

Os índios vivem um momento de integração bastante especial. A associação Idzo'uhu, por exemplo, da reserva de Sangradouro, já trabalha no sentido de resgatar técnicas tradicionais de agricultura e tem um projeto ambicioso: quer montar um time da comunidade para disputar a sério a Taça São Paulo de futebol, de juniores, em 1998. O futebol é uma das tradições dos brancos que mais se enraizaram entre os povos indígenas. (J.M.)